

REFLEXÕES SOBRE MENINO DE ENGENHO

Lauro Belchior Mendes

Publicado em 1932, o romance de José Lins do Rego, **Menino de Engenho**, constitui ainda hoje um texto marcante para se discutir uma série de questões relacionadas com a problemática da literatura brasileira. Primeiramente é necessário abordar o contexto de modernidade em que surge o romance. Como se sabe, os estudiosos de nossa literatura costumam dividir o Modernismo em dois momentos distintos: a primeira fase, que compreenderia o período mais ou menos situado entre 1922 e 1930, dominada por escritores do Rio de Janeiro e São Paulo, seria em última instância caracterizada pela busca de processos de experimentação com a linguagem; em seguida, haveria uma segunda fase, compreendendo o período entre 1930 e 1945, que seria caracterizada pelo surgimento de uma ficção especificamente nordestina, com ênfase na crítica social e na observação sociológica. As obras dessa segunda fase foram então classificadas como romances regionalistas de 30 ou romances nordestinos de 30.

Tais distinções acabam por se tornar inoperantes porque reduzem os textos a alguns elementos mais evidentes em detrimento de outros cuja importância não pode ser menosprezada.

É verdade que um romance como **Memórias Sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade, de 1924, se faz sobretudo enquanto experimentação com a linguagem. Essa experimentação, entretanto, não pode absolutamente ser verificada

sem se levar em conta a profunda observação da sociedade paulista da época e a mordaz crítica que o autor a cada passo lhe faz. Igualmente, num texto como **Menino de Engenho**, é impossível ao leitor não observar o complexo trabalho de enunciação empreendido por José Lins do Rego. A propósito veja-se a reflexão do crítico José Aderaldo Castello:

«... podemos falar em dois grandes centros de afirmações modernistas no Brasil — São Paulo-Rio de Janeiro e Recife — com atitudes comuns e também muitas divergências, aliás aparentes, se consideradas em seus aspectos polêmicos e até mesmo em suas preocupações de originalidade e independência.»¹

Considerado como um grande bloco, o Modernismo brasileiro pode ser lido como um esforço notável, ao mesmo tempo, de renovação estética e de busca de compreensão do processo social brasileiro. Independentes dessas possíveis duas fases do movimento, nossos autores se orientam nesses dois caminhos, renovação estética e busca de compreensão do processo social, uns mais à esquerda, outros à direita, de qualquer forma abordando, discutindo, revelando ou mesmo ocultando a problemática da sociedade brasileira do século XX. É portanto dentro dessa linha de criação estética realizada através de uma leitura da realidade brasileira que situo José Lins do Rego e que pretendo colocar algumas reflexões sobre **Menino de Engenho**, objeto deste trabalho.

Menino de Engenho é o primeiro de uma série de cinco romances que o autor denominou de «ciclo da cana-de-açúcar». Os outros romances desse ciclo são: **Doidinho** (1933), **Bangüê** (1934), **O Moleque Ricardo** (1935) e **Usina** (1936).

Comentando os romances do ciclo, considerado por Adonias Filho como «um mural regional»,² Tristão de Athayde afirma:

-
1. CASTELLO, 1961, p. 19
 2. FILHO, 1969, p. 24

«A força desse novo romancista, filho do sertão paraibano e impregnado de espírito nordestino, era refletir no seu enorme mural um problema social tipicamente nosso, a agonia de uma casta, o fim do patriarcado rural, o desmoroamento de um mundo. Assim como Balzac estudara, nos seus romances, a formação da grande burguesia em França no início do século XIX, e Proust, a decadência da nobreza e dessa grande burguesia, no fim do século — o nosso sertanejo do Pilar, filho desse patriarcado rústico, vinha refletir nos painéis épicos do seu grande mural a morte dos bangüês, a agonia dos engenhos, o domínio crescente das usinas, em suma, a desumanização da economia pela mecanização da lavoura e com isso a ruína do patriarcado e a dispersão de um povo, descendente dos escravos de outrora, e ainda não fixado no trabalho livre.»³

As palavras de Tristão de Athayde detalham o que seria o grande tema dos romances do ciclo da cana-de-açúcar: a vida dos engenhos na grande transformação trazida pela implantação das usinas, tema que seria retomado mais tarde em **Fogo Morto** (1934).

Em **Menino de Engenho**, entretanto, o mundo representado não é assim tão cruel: à parte a tragédia envolvendo os pais do narrador da estória no princípio do romance e as crises de melancolia evocadas, tudo se passa no melhor dos mundos. Todos quantos têm estudado o texto de José Lins do Rego são unânimes ao falar da nostalgia constante em toda a escrita, a revelar a ligação do autor com o universo representado e o seu pesar pela destruição desse mundo passado.

A construção desse universo ficcional não se deveu, entretanto, a um passe de mágica. José Lins do Rego confessava que devia sua carreira literária a Gilberto Freyre. De fato, o autor de **Casa Grande & Senzala** iria influenciar toda a geração dos romancistas nordestinos. Depois de seu retorno ao Brasil, na

3. ATHAYDE, 1986, p. 24

década de vinte, todo o trabalho de Gilberto Freyre se caracterizou pela procura de valorização do regional, no caso específico, das coisas típicas nordestinas: usos, costumes, tradições, etc. Segundo José Aderaldo Castello, pode-se dizer que «as experiências da infância e da adolescência, os estudos no Recife e os contactos com Gilberto Freyre e seu grupo, além dos reencontros posteriores com a região de origem, são os fatores decisivos na formação do romancista e explicam em termos de memória e regionalismo, a obra que escreveu.»⁴ Não podendo, nem pretendendo me deter na questão da influência de Gilberto Freyre sobre José Lins do Rego, aliás confessada pelo próprio romancista, como vimos, gostaria apenas de lembrar aqui apenas como curiosidade um poema escrito pelo sociólogo em 1925 e que se intitula justamente «Menino de Engenho»:

MENINO DE ENGENHO

O menino de engenho era decerto
criatura menos sacrificada à gravidade
de traje e vida que o nascido nas cidades.

Nas almanjarras
com os muleques
seus camaradas
leva-pancadas
brincava de carrossel
um carrossel
a que servia
de caixa de música
e cantiga do tangedor.

Montava a cavalo
saía pelo mato
com o muleque
a pegar curiós

4. CASTELLO, 1961, p. 95

No tempo da cana madura
chupava com delícia os roletes
que lhe torneavam a faca
os negros do engenho.

Gostava de fazer navegar
na água das levadas
em navios de papel
moscas e grilos
personagens dos romances de aventura
que inventava
antes de conhecer negras nuas
e viver seus primeiros romances de amor.⁵

Creio não ser necessário comentar o poema, pois é visível a transparência que ele mantém com o romance de José Lins do Rego, inclusive na valorização do passado tido como época áurea da vida.

A valorização do passado aponta para outra questão fundamental quando se fala de **Menino de Engenho** que é o papel desempenhado pela memória na escrita do romance. Em artigo sobre a ficção brasileira modernista, Silviano Santiago fala da «postura memorialista do texto de ficção» e lembra como Oswald de Andrade e José Lins do Rego reescrevem «o mesmo livro, o mesmo livro dado de presente pelo texto da lembrança, só que agora sem a moldura conivente de 'romance': **Um Homem sem Profissão e Meus Verdes Anos.**»⁶ Ressaltando as ligações dos textos memorialistas com **Memórias Sentimentais de João Miramar** e com **Menino de Engenho**, Silviano Santiago conclui: «Essa coincidência é tanto mais significativa porque nos mostra como são frágeis as distinções de escolas literárias (Oswald, do grupo de São Paulo, contra Lins do Rego, do grupo do Nordeste) e como são fluidas e pouco pertinentes as fronteiras entre discurso ficcional memorialista e discurso autobiográfico no con-

5. FREYRE, 1971, p. 129-130

6. SANTIAGO, 1982, p. 33

texto brasileiro.»⁷ A expressão «discurso ficcional memorialista» é de grande felicidade, pois, se é certo que José Lins do Rego foi ele próprio «menino de engenho», como o prova **Meus Verdes Anos**, o texto de ficção tem que ser lido enquanto tal, não importando mais a coincidência ou não com fatos reais da vida do autor. Nesse sentido, faço minha a reflexão de Mário Vargas Llosa sobre a gênese do romance:

«Um romance não resulta de um tema subtraído à vida, mas, sempre de um conglomerado de experiências, importantes, secundárias e ínfimas que, acontecidas em diversas épocas e circunstâncias, empoçadas no fundo do subconsciente ou frescas na memória, algumas pessoalmente vividas, outras simplesmente ouvidas ou talvez lidas, vão de maneira paulatina confluindo até a imaginação do escritor e esta, como uma poderosa misturadora, as desmanchará e restabelecerá numa substância nova, à qual as palavras e a ordem dão outra existência. Das ruínas da realidade real surgirá então algo muito diferente, uma resposta e não uma cópia: a realidade fictícia.»⁸

A criação da realidade fictícia pressupõe portanto o concurso da memória, à qual vem ajuntar-se o Inconsciente no intrincado terreno da criação artística. Essas observações são necessárias, porque, se por um lado é inegável a contribuição da memória autobiográfica na escrita de **Menino de Engenho**, por outro, é fundamental reconhecer a autonomia do texto enquanto obra de ficção.

Ao falar de **Menino de Engenho**, José Aderaldo Castello fala que existe no romance uma «absoluta falta de plano»,⁹ devido à «espontaneidade»¹⁰ da narrativa e à «ausência de argumento»,¹¹

7. *Idem*, *ibidem*.

8. LOSA, 1979, p. 72-73

9. CASTELLO, 1961, p. 119

10. *Idem*, p. 121

11. *Idem*, p. 123

chegando mesmo a definir o texto como um «romance sem romance».¹² Infelizmente não posso concordar com o eminente crítico da Literatura Brasileira. O fato de **Menino de Engenho** quebrar a estruturação tradicional do romance, buscando um outro plano para uma outra escrita é que vai dar-lhe um lugar na ficção modernista brasileira e garantir-lhe as qualidades estéticas desejadas pelo seu autor.

Enquanto narrativa em primeira pessoa, é o narrador da estória de **Menino de Engenho** que concentra inicialmente a atenção do leitor. Já aqui, dois planos devem ser observados:

a) a reconstrução da vida de criança de Carlinhos, que vai para o Engenho Santa Fé com mais ou menos quatro anos, ali permanecendo até os doze. É o crescimento da personagem que estabelece a dimensão cronológica no texto, porque, a rigor, vários capítulos poderiam ser colocados em ordem diferente da que aparecem, sem alteração do resultado final da estória que é contada. Como ilustração, cito os capítulos que descrevem a cheia, o incêndio, as visitas de parentes do Recife e a outros engenhos vizinhos, as histórias da Velha Totonha, o relacionamento dos negros com o avô, etc.

b) Um segundo plano é o plano do narrador propriamente dito que revê o passado e faz uma reconstrução desse passado, através do seu ato de escrita. Obviamente tudo no texto se faz por esse narrador adulto e nostálgico em busca do tempo perdido. Vejam-se os exemplos que se seguem e que falam justamente da permanência do passado no presente da escrita.

1 — Sobre seu pai:

«Coitado do meu pai! Parece que o vejo quando saía de casa com os soldados, no dia de seu crime. Que ar de desespero ele levava, no rosto de moço!»¹³ (p. 48)

12. Idem, *ibidem*.

13. REGO, 1986. Observação: Todas as citações de **Menino de Engenho** remetem a essa edição e o número da página vem no texto entre parênteses após as citações.

2 — Sobre sua mãe:

«Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe angélica, com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir.» (p. 49)

3 — Sobre a prima Lili:

«Ainda hoje, quando encontro enterro de criança, é pela prima Lili que me chegam lágrimas aos olhos.» (p. 59)

4 — Sobre os colegas pobres:

«Parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e me trazia da escola.» (p. 77)

5 — Sobre os casos contados pelo Avô:

«Estas histórias do meu avô me prendiam a atenção de um modo bem diferente daquelas da velha Totonha. Não apelavam para a minha imaginação, para o fantástico. Não tinham a solução milagrosa das outras. Puros fatos diversos, mas que se gravaram na minha memória como incidentes que eu tivesse assistido. Era uma obra de cronista bulindo de realidade.» (p. 137)

6 — Sobre a ausência de sentimento religioso:

«Muito depois, esta miséria de sentimentos religiosos se refletiria em toda a minha vida, como uma desgraça.» (p. 148)

São inúmeros os exemplos que poderia citar, mas gostaria de ressaltar nesses que acabamos de ver expressões como: **vejo, fico a pintar, memória, ainda, a olharem para mim, ainda hoje, chegam, muito depois**, que marcam indiscutivelmente a força que o passado exerce sobre o narrador.

Segundo o próprio José Lins do Rego, ao escrever **Menino de Engenho**, ele tinha a intenção de «traçar a biografia de seu avô, o velho José Lins, que era para ele o tipo representativo de senhor de engenho, expressão legítima do patriarcalismo rural da região açucareira do nordeste.»¹⁴ De fato, a figura do velho José Paulino domina a narrativa, chegando mesmo a disputar com o menino Carlinhos e com o narrador o papel de protagonista ao longo dos quarenta quadros que compõem a estória. José Paulino e o engenho, proprietário e propriedade formam uma só entidade: tudo tem a solidez da riqueza bem estabelecida. Em sua rememoração do passado, o narrador manifesta quase que um culto pela figura do avô, como se pode ver por estas expressões disseminadas na narrativa: «homem de bem» (p. 50), «figura alta e solene» (p. 53), «ar de tranqüilidade» (p. 62), «justo e bom» (p. 85), «governava com o coração» (p. 116), «coração de bom» (p. 139).

A profunda admiração do narrador pelo Coronel José Paulino revela toda a nostalgia pela perda da segurança encontrada na infância. Pode-se dizer que essa admiração se transforma no **leitmotiy** principal da estória, configurando-se em situações memoráveis, como esta em que o cangaceiro Antônio Silvino visita o Santa Fé:

«Não havia, porém, perigo de espécie alguma. Antônio Silvino vinha ao engenho em visita de cortesia. Um ano antes ele estivera na vila do Pilar noutro caráter. Fora ali para receber o pagamento de uma nota falsa que o Coronel Napoleão lhe passara. E não encontrando o velho, vingara-se nos seus bens com uma fúria de vendaval. Sacudiu para a

14. CASTELLO, 1961, p. 122

rua tudo o que era da loja, e quando não teve mais nada a desperdiçar, jogou do sobrado abaixo uma barrica de dinheiro para o povo. Mas com meu avô, o bandido não tinha rixa alguma. Naquela noite viria fazer a sua primeira visita.» (p. 62)

Uma outra situação registrada pela memória do narrador, refere-se às andanças do Coronel José Paulino por seu latifúndio, reiterando a identificação entre o senhor e a propriedade, como se pode ver nesta passagem:

«Meu avô me levava sempre em suas visitas de corregedor às terras de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, dar uma visita de senhor nos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixas e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca.» (p. 80)

O retrato traçado pela memória é sempre positivo, ressaltando a riqueza, a bondade e o senso de justiça do velho Coronel. É o que se observa em todo o texto e que atinge o seu ponto máximo na passagem a seguir, quando o narrador relembra as conversas do avô sobre a abolição da escravatura e sobre o comportamento de seus ex-escravos:

«Quando veio o 13 de Maio, fizeram um coco no terreiro até alta noite. Ninguém dormiu no engenho, com a zabumba batendo. Levantei-me de madrugada, para ver o gado sair para o pastoreador, e me encontrei com a negrada, de enxada no ombro: iam para o eito. E aqui ficaram comigo. Não me saiu do engenho um negro só.» (p. 136)

A bondade e a justiça sempre referidas na escrita camuflam, entretanto, outros aspectos que são desprezados, como por exemplo o violento contraste entre a riqueza da casa-grande e a pobreza

dos trabalhadores do engenho. É interessante lembrar que mesmo após a abolição dos escravos, o coronel José Paulino mantém a postura de escravagista que, no entanto, é minimizada pelo discurso sedutor do narrador. Há no livro um capítulo notável sobre essa questão. Refiro-me ao capítulo dezoito onde o Coronel manda colocar no tronco — hábito escravagista, por excelência — o negro Chico Pereira, suspeito de haver violentado a mulata Maria Pia. Após algum tempo de tortura, a verdade aparece: o violentador não era o negro mas o Dr. Juca, filho do Coronel. Diante da trágica verdade, o Coronel, que exigia o casamento, se cala, o caso fica encerrado e a branquitude da família de Santa Fé garantida. A moral e a justiça, portanto, para brancos e negros não é a mesma. De resto, brilha na cena evocada a ambigüidade da moral patriarcal: ao tomarem conhecimento das atividades sexuais de Carlinhos, as negras relembram a repetição do comportamento do avô quando jovem. Assim, José Paulino, Dr. Juca, Carlinhos são os elos de uma cadeia que se renova a cada geração e que promovem a continuidade do machismo.

Há na grande galeria de personagens de **Menino de Engenho** uma sobre a qual não poderia deixar de falar. Refiro-me a velha Totonha, segundo o autor «uma viva da **Mil e Uma Noites**» (p. 94). Essa personagem exerce sobre Carlinhos um fascínio tal que vai influenciá-lo mais tarde na sua própria escrita:

«Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história.» (p. 95)

Exímia contadora de estórias, Totonha sabia adaptá-las à realidade próxima aos engenhos. Dessa forma, no final da estória da madrastra má que enterra a enteada, quando se estabelece a verdade, o pai — transformado em senhor de engenho — dá carta de alforria aos negros que dançam coco durante vários dias (p. 95). Os reinos são engenhos fabulosos (p. 96), Jesus

Cristo dorme num rancho (p. 95), São Pedro encontra duas cargas de farinha e de carne (p. 98), tudo transformado pela mágica narradora da velha e suas estórias. Todos os autores que têm estudado a obra romanesca de José Lins do Rego reafirmam a grande atração que as narrativas de contadores humildes, praticamente analfabetos, exerceram sobre o escritor. A esses narradores anônimos o autor de *Menino de Engenho* presta uma bela homenagem através da velha Totonha e através da própria linguagem utilizada no romance, simples, espontânea, sem maiores complicações. Com isso, entretanto, não quero dizer que o texto seja assim por um toque de mágica: a simplicidade, a espontaneidade e a ausência de complicações são uma opção do escritor e não significam absolutamente que ele não tenha realizado um complexo trabalho de escrita para atingi-las.

Muita coisa ainda poderia ser dita sobre *Menino de Engenho*, principalmente sobre o relacionamento com os outros textos do ciclo de cana-de-açúcar, pois, conforme observa Mário de Andrade «José Lins do Rego é desse gênero de artistas cuja obra só adquire toda a sua significação em seu conjunto.»¹⁵

Para finalizar, gostaria de refletir sobre um ponto que considero fundamental na obra de José Lins do Rego: refiro-me a certa ambivalência presente em seu discurso. Se por um lado, esse discurso se realiza enquanto postura da classe dominante brasileira, por outro ele possibilita uma leitura do comportamento dessa mesma classe. Essa leitura, isto é, a recepção da obra, deve tornar clara a dimensão ideológica do texto, mostrando o seu alto grau de sedução e de comprometimento. Mais uma vez recorro à reflexão arguta de Silviano Santiago, para esclarecer essa sedução e esse comprometimento com a classe dominante:

«Nos melhores romancistas do Modernismo, o texto da lembrança alimenta o texto da ficção, a memória afetiva da infância e da adolescência sustenta o fingimento literário, indicando a importância que a narrativa da vida do escritor,

15. ANDRADE, 1972, p. 137

de seus familiares e concidadãos tem no processo de compreensão das transformações sofridas pela classe dominante no Brasil, na passagem do Segundo Reinado para a República, e da Primeira para a Segunda República. Tal importância advém do fato de que é ele — o escritor ou o intelectual, no sentido amplo — parte constitutiva desse poder, na medida em que seu ser está enraizado em uma das 'grandes famílias' brasileiras.»¹⁶

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário. *O Empalhador de Passarinhos*. São Paulo, Martins-MEC, 1972
- ATHAYDE, Tristão. *Zé Lins*, IN *Menino de Engenho*. 38ª ed. Rio, Nova Fronteira, 1986
- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. São Paulo, EDART, 1961
- FILHO, Adonias. *O Romance Brasileiro de 30*. Rio, Ed. Bloch 1961
- FREYRE, Gilberto. *Seleta para Jovens*. Rio, INL/MEC, 1971
- LLOSA, Mário Vargas. *História Secreta de um Romance*, IN *A Casa Verde*. Rio, Nova Fronteira, 1977
- REGO, José Lins. *Menino de Engenho*. 38ª ed. Rio, Nova Fronteira, 1986
- SANTIAGO, Silvano. *Vale Quanto Pesa*. Rio, Paz e Terra, 1982

16. SANTIAGO, 1982, p. 31